

Carreiras profissionais e significados do trabalho em tempos de pandemia Covid-19: o que dizem os músicos?

Robinson Souza de França¹

Raquel Belo²

Resumo

A flexibilização do trabalho, informalidade e precariedade que vêm afetando o setor artístico, sobretudo da música, refletem no modo como os músicos gerenciam suas carreiras profissionais. Esse contexto precarizado põe os trabalhadores em vulnerabilidades, tocando os significados que eles atribuem às suas atividades profissionais: é por meio do trabalho que o ato de dar significado à natureza se concretiza, que se media a relação sujeito-objeto, sendo o rompimento no circuito de significados um gerador de sofrimento, comprometendo a saúde mental. Este estudo analisa os modelos de carreira desenvolvidos e seus desdobramentos nos significados atribuídos pelos músicos ao seus trabalhos no contexto de pandemia de COVID-19, que lhes intensificou os obstáculos. Esta pesquisa, psicossociológica e descritiva, contou com a participação de oito trabalhadores do campo da música, que responderam à entrevistas semiestruturadas. Os dados foram analisados com a técnica de Análise de Conteúdo. Todos os procedimentos éticos de pesquisa foram cumpridos. Como resultados, os músicos compreendem suas carreiras profissionais relacionadas ao aspecto financeiro, de provimento de renda, bem como a gostarem do que fazem – os profissionais em organizações se reconhecem no modelo de âncoras de carreira, enquanto os autônomos no modelo de carreira empreendedora. Atribuíram importância ao trabalho que desenvolvem, com ele significando “tudo” em suas vidas, em primeiro plano quando avaliado frente a outras dimensões de suas vidas. Enfrentam a intensificação de precariedades no trabalho durante a pandemia buscando trabalhos paralelos para se sustentarem e continuarem a carreira musical.

Palavras-chave: carreiras; significados do trabalho; músicos.

¹ Universidade Federal do Piauí. E – mail: robinsondefranca@gmail.com

² Universidade Federal do Delta do Parnaíba. E – Mail: raquelbelouniversidade@gmail.com

Professional careers and meanings of work in times of pandemic Covid-19: what do musicians say?

Abstract

The flexibilization of work, informality and precariousness that have been affecting the artistic sector, especially the music sector, are reflected in the way musicians manage their professional careers. This precarious context puts workers in vulnerabilities, touching the meanings they attribute to their professional activities: it is through work that the act of giving meaning to nature is materialized, that the subject-object relationship is measured, with the disruption in the circuit of meanings a generator of suffering, compromising mental health. This study analyzes the career models developed and their consequences in the meanings attributed by musicians to their work in the context of the COVID-19 pandemic, which intensified their obstacles. This psychosociological and descriptive research had the participation of eight workers in the field of music, who responded to semi-structured interviews. Data were analyzed using the Content Analysis technique. All ethical research procedures were followed. As results, musicians understand their professional careers related to the financial aspect, providing income, as well as enjoying what they do – professionals in organizations recognize themselves in the career anchors model, while the autonomous in the entrepreneurial career model. They attributed importance to the work they develop, with it meaning “everything” in their lives, in the foreground when evaluated against other dimensions of their lives. They face the intensification of precariousness at work during the pandemic, looking for parallel jobs to support themselves and continue their musical career.

Keywords: careers; work meanings; musicians.

INTRODUÇÃO

Pode-se definir o trabalho como uma atividade intencional de transformação da realidade e de si

mesmo, bem como uma importante conexão do ser humano com a natureza (Gondim & Borges, 2020). Carreira profissional remete à tradução do percurso do ser humano nos seus

trabalhos, é tema de investigação relevante, haja vista a complexidade de fatores em que ela e o trabalho, de modo geral, estão envolvidos. As exigências impostas aos trabalhadores para que atendam às expectativas de um mercado de trabalho exigente aumentam a cada dia, os sobrecarregando de tarefas para que consigam vagas de trabalho, criem seus próprios negócios ou se mantenham em suas atividades.

No contexto atual do trabalho, a flexibilização é realidade que atinge cada vez mais profissões e um dos segmentos que vêm sendo mais afetado por essa configuração no setor artístico é o da música, com músicos trabalhando de forma descontinuada, adotando múltiplas frentes de trabalho para enfrentar a incerteza econômica e a falta de garantias profissionais, revelando-se, além da flexibilização concernente à classe trabalhadora em questão, a informalidade e a precariedade que envolvem esse setor (Bartz & Oliven, 2019). Esses obstáculos aos trabalhadores refletem no modo como gerenciam a sua carreira profissional.

A respeito das perspectivas de estudo de carreiras profissionais,

Menger (2005) explica que o trabalhador da área de artes, de maneira geral, acaba se tornando o empresário de sua própria carreira, o denominando de “*portfolio worker*” (trabalhador portfólio), a custo de intensa individualização de sua atividade e de gestão racionalizada dos seus capitais pessoais. Bendassolli (2009) apresenta perspectivas de estudos sobre carreiras profissionais, entre elas a organizacional, com foco no desenvolvimento das carreiras, pautando o presente estudo. Bartz e Oliven (2019), em crítica à frágil relação de trabalho, afirmam que diante da configuração de como o trabalho se encontra, os artistas compõem o lado mais vulnerável nas negociações, pois são quem mais sofrem com as incertezas e flutuações econômicas, sobretudo em relação à obtenção de renda.

Em tal contexto precarizado, os trabalhadores estão imersos em vulnerabilidades, o que toca nos significados que eles atribuem às suas atividades profissionais, vez que é por meio do trabalho que o ato de dar significados à natureza se concretiza; e, além disso, a relação de um sujeito com determinado objeto, do ser

humano com o seu trabalho, é mediada pelo significado atribuído e permanece além da relação estabelecida – o rompimento no circuito de significados, sob a perspectiva do trabalhador, lhe ocasiona sofrimento, o que pode comprometer a sua saúde mental (Tolfo & Piccinini, 2007). Os estudos sobre significados do trabalho tratam em larga escala de sujeitos inseridos em organizações formais de trabalho, porém, é possível identificar uma tendência para investigar trabalhadores informais ou inseridos em organizações com modelos alternativos de gestão como, por exemplo, em cooperativas (Schweitzer, Gonçalves, Tolfo & Silva, 2016).

O mundo do trabalho tem apresentado transformações nos últimos tempos e, diante disso, imprecisão e complexidade são evidenciadas pelas diferentes concepções existentes acerca do significado do trabalho (Graebin et. al., 2019). Nesta pesquisa, a abordagem a respeito dos significados do trabalho contemplada foi a de Borges e Tamayo (2001), que desenvolveram o Modelo dos Atributos do Significado do Trabalho, no qual definem esse construto como cognição subjetiva,

variável individualmente, derivada do processo de atribuir significados e, simultaneamente, com aspectos socialmente compartilhados, associados às condições históricas, portanto sempre inacabado, processual e dinâmico. Esse modelo compõe-se: da centralidade do trabalho, ou seja, a importância atribuída ao trabalho quando comparado com as demais esferas de vida (família, lazer, religiosidade e comunidade, por exemplo); de atributos descritivos – o que o trabalho é concretamente para o trabalhador; de atributos valorativos – o que o trabalho deveria ser; e da hierarquia dos atributos, referente à ordem de prioridade dada aos atributos descritivos e valorativos (Pinheiro, Bendassolli & Borges, 2017). Pesquisas baseadas nesse modelo apresentaram diferenças de significados por ocupação profissional (Barros, Álvaro & Borges, 2018).

A análise histórica do trabalho na diversidade de categorias de trabalhadores demonstra a falta de representatividade dos músicos nos sindicatos ou em leis trabalhistas. Os obstáculos envolvem a dupla imagem atribuída pelo público ao trabalhador, de um lado a de que ele é alguém que

se diverte ao trabalhar, como em um *hobby*, de outro à boemia que lhe está associada, à diversão regada a drogas lícitas e ilícitas (Alves & Martins, 2019).

O trabalho no campo musical é encarado como algo improdutivo, ligado ao lazer e ao ócio, tendendo a ser estreitamente relacionado a um momento passageiro, com a percepção social sobre os músicos como pessoas especiais, idealizadas como plenos e dotados de autonomia, trabalhando com a sua vocação e conquistando o seu objetivo de vida (Adenot, 2010). Existe o reforço da ideia de que o trabalho com a música é uma atividade distanciada daquilo que é considerado como um “verdadeiro trabalho”, aquele que, necessariamente, exigiria esforços ou desgastes físicos e emocionais, o que contribui para a desvalorização dos processos de formação dos profissionais da área e para a fragilização das relações de trabalho (Requião, 2008).

As mudanças legislativas pelas quais o trabalho tem passado no Brasil e o contexto atual de intensificação de precariedades comprometem o desenvolvimento profissional, a carreira e a evolução dela, bem como

os significados que são atribuídos às atividades profissionais. Somada à essas questões, em 2020 a pandemia do COVID-19 impôs novas medidas de segurança para a preservação da saúde das pessoas, como o distanciamento social e a evitação de aglomerações, que acabaram por afetar a realização do trabalho dos profissionais da música, em especial as apresentações ao vivo, em que lidam diretamente com o público.

MÉTODO

Esta pesquisa foi pautada na perspectiva psicossociológica, que oferece um conjunto de recursos essenciais para os campos da investigação, constituído pela articulação entre campo social, condutas humanas e vida psíquica, enfatizando os sistemas mediadores entre o indivíduo e a sociedade, quais sejam o grupo, a organização e a instituição (Lhuilier, 2014). Ainda, no desenho metodológico descritivo, que tem, entre os seus objetivos, descrever características de determinada população, podendo, ainda, respaldar a identificação de possíveis relações entre variáveis (Gil, 2010). A pesquisa teve como objetivo geral analisar os

modelos de carreira desenvolvidos e seus desdobramentos nos significados atribuídos por parte dos músicos ao trabalho que executam no contexto de pandemia de COVID-19.

Participantes

Participaram oito profissionais da música atuantes no mercado de trabalho, uma mulher e sete homens, que responderam entrevistas realizadas por meio de chamadas de vídeo nos meses de novembro e dezembro de 2020 e no mês de janeiro de 2021. O critério de inclusão para a participação foi o de estarem exercendo seu trabalho na área musical dentro do estado onde a pesquisa estava sendo realizada, sendo excluídos aqueles profissionais que ali já não estavam trabalhando na localidade estabelecida para a realização da pesquisa. Suas

idades variaram entre 24 e 34 anos, o tempo de trabalho com a música foi de 2 a 20 anos, sendo três músicos vinculados à instituições e cinco autônomos, compondo grupo variado. Quatro participantes afirmaram trabalharem paralelamente em área diversa da música. O número de entrevistas foi determinado pelo critério de saturação, compreendida como a fase ou ponto da análise de dados qualitativos em que, baseado na amostragem e análise dos dados, o pesquisador constata que não surgem novos fatos (Ribeiro, Souza & Lobão, 2018). Todos tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que continha todos os detalhes da pesquisa, o qual assinaram concordando em participar. A seguir, segue a Tabela 1 contendo os dados sociodemográficos dos participantes.

Tabela 1

Dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa

	Idade	Escolaridade	Tempo de trabalho com a música	Trabalha vinculado à instituição
Participante 1	24 anos	Ensino Superior Incompleto	2 anos	Não
Participante 2	27 anos	Ensino Médio Completo	4 anos	Não

Participante 3	25 anos	Ensino Superior Incompleto	6 anos	Não
Participante 4	32 anos	Pós-graduação	16 anos	Sim
Participante 5	34 anos	Pós-graduação	10 anos	Sim
Participante 6	32 anos	Pós-graduação	20 anos	Sim
Participante 7	28 anos	Ensino Médio Completo	17 anos	Não
Participante 8	25 anos	Ensino Superior Completo	7 anos	Não

Variáveis, medidas e instrumentos

Foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada com perguntas envolvendo os temas “trabalho”, “carreira profissional” e “significados do trabalho”, que permitiu compreender as relações que se estabeleceram e se estabelecem no interior do grupo social o qual os entrevistados compõem (Duarte, 2004). O roteiro de entrevista semiestruturado foi desenvolvido pelos pesquisadores baseados no arcabouço teórico da perspectiva organizacional de desenvolvimento de carreiras de Bendassolli (2009) e na base teórica que respaldou a construção do Inventário dos Significados do Trabalho de Borges (Borges & Alves-Filho, 2001; Borges & Tamayo, 2001; Borges & Alves-Filho, 2003)

especificamente, para esta pesquisa.

Desenho, procedimentos e análise de dados

Os participantes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no site Formulários *Google*. Ressalta-se que este estudo seguiu todas as diretrizes e os procedimentos éticos conforme a Resolução nº 466 de 2012, do Conselho Nacional de Saúde. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade de origem, sob o CAAE de nº 33969220.6.0000.5669 e Parecer 4.262.145.

O grupo entrevistado nessa pesquisa foi alcançado de forma não probabilística, por meio da técnica de “Bola de neve”, também denominada

de “*Snowball*”, que utiliza cadeias de referência para encontrar os participantes para a pesquisa (Vinuto, 2014), isto é, ao final da entrevista, o primeiro participante foi perguntado a respeito de outros profissionais da área musical que poderiam participar do estudo para que, então, eles fossem encontrados e convidados a participarem também.

Os dados foram analisados com a Técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016), por meio da qual se descobre os núcleos de sentido comuns e formam-se categorias resultantes das falas dos entrevistados. Nesta pesquisa a codificação foi temática, os conteúdos temáticos das respostas que se relacionaram com os objetivos e com o problema de pesquisa foram destacados e analisados, compondo tabelas com suas respectivas frequências.

RESULTADOS

A análise de conteúdo temático das repostas dos participantes resultou em três eixos temáticos. O primeiro deles foi intitulado “Carreiras profissionais e seus processos” e apresenta cinco categorias que foram

mais abordadas pelos participantes: “Escolha de trabalhar com a música” – que trouxe falas sobre o envolvimento prévio com a música e a influência familiar; “Descrição do percurso no trabalho” – com relatos sobre multiplicidades de atividade, influência do contexto, práticas recorrentes na rotina e a atividade no contexto da pandemia; “Entendimentos sobre o que é carreira profissional”, como a geração do retorno financeiro e gostar do que faz; “Modos de condução da carreira profissional”, com relatos sobre os projetos e atividades paralelas; e a última categoria “Modelos de carreira profissional” que toca nos modelos de carreira profissional, abordados pelos profissionais que estão trabalhando vinculados a instituições, que versaram sobre âncoras de carreira e carreira proteana.

O segundo eixo temático das respostas da entrevista, “Significados do trabalho”, é formado por quatro categorias que mais foram comentadas pelos participantes sobre esse tema: “Características que o contexto de atuação profissional deveria ter” – que mencionou a valorização do trabalho na música e o sindicato representativo

da categoria; “Importância do trabalho na vida do trabalhador” – que versou sobre o quanto o trabalho significa ‘tudo’ e o quanto esta instância é importante; “Características que o contexto de atuação profissional tem” – especificando a realidade para os instrumentistas/cantores e para os professores de música; e “O que não existe no contexto de trabalho” – que também mencionou esta realidade para os instrumentistas/cantores e para os professores de música.

Especialmente sobre o trabalho com a música durante a pandemia COVID-19, o terceiro eixo condensa em quatro categorias os conteúdos extensamente elaborados pelos participantes sobre esse tema. Na primeira categoria, falaram sobre as “Consequências financeiras” que estavam enfrentando no momento, resultantes do fechamento dos locais onde se apresentavam, o que gerou a perda de cachês, informaram estarem passando por necessidades, por empobrecimento, sentindo a necessidade de retornarem ao trabalho, ainda que assustados e não concordassem com as aglomerações. A segunda categoria, “Mudanças na dinâmica do trabalho”, aqueles que

trabalham como professores de música responderam que houve mudanças na dinâmica de trabalho, passaram a trabalhar através de chamadas de vídeo em plataformas virtuais; os instrumentistas e cantores passaram a se apresentarem em *lives* nas redes sociais para arrecadarem doações em dinheiro ou cestas básicas e, ao final do ano de 2020, alguns estabelecimentos voltaram a contratarem os serviços dos músicos, porém, houve redução do número de contratados por apresentação e redução do número de apresentações. O público também foi reduzido.

Ainda no terceiro eixo, na terceira categoria, “Demandas de âmbito pessoal/subjetivo”, a angústia por não estar trabalhando e provendo o próprio sustento, que foi considerada como um dano psicológico, ou a necessidade de “melhorar como pessoa, evoluir como ser humano”, foram enfatizadas. A quarta categoria, a “Falta dos cuidados devidos com a pandemia” por parte dos locais de trabalho também foi comentado, ao não garantirem o distanciamento devido entre os clientes que lotavam os ambientes, ao não fiscalizarem a utilização de máscaras e a higienização

das mãos com álcool em gel pelo público, por exemplo.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Sobre as carreiras profissionais dos músicos

Os participantes que trabalham como autônomos e como micro-empresendedores individuais, tocando, cantando, compondo, criando arranjos, produzindo trabalhos para outros músicos, consideraram que carreiras profissionais geram retorno financeiro, que gostam do que fazem, que a organizam sistematicamente, sendo necessário levá-las com seriedade, se constituindo como tal por meio da prática e da experiência. Houve dualidade de entendimentos sobre o que a carreira tradicionalmente tem sido e sobre o que é sonhada em ser. Traduz-se, também, carreira profissional em investimentos, em estudo, trajetória, em prazer, em sobrevivência. O estereótipo sobre o trabalhador na carreira musical, de “não vai ser ninguém” (Participante 3), compartilhado pela família, apesar de forte e cruel, não os impede de continuarem.

Além disso, os músicos

conduzem suas carreiras de acordo com os projetos que surgem. Com a pandemia do COVID-19 passaram a se apresentarem em *lives* nas redes sociais, de modo a conseguirem alguma ajuda financeira. No segundo semestre de 2020 alguns voltaram a trabalhar se apresentando em estabelecimentos, ou em gravações e produções de álbuns. Investiram em atividades paralelas dentro do campo da música ao participarem de gravações de clipes, de apresentações de outros artistas e outras bandas. A pandemia obrigou aqueles que trabalham como professores a descobrirem e utilizarem as plataformas de chamadas de vídeo e a reformularem os planejamentos do trabalho para se adequarem a nova realidade.

Os modelos de carreira profissional que Bendassolli (2009) teoriza na perspectiva organizacional, portanto, relacionados aos profissionais que trabalham em instituições, foram propostos aos participantes por meio de cinco situações definidoras diferentes, cada uma delas pautada em um dos modelos (Carreira sem fronteiras/limites; Carreira portfólio; Âncoras de carreira;

Carreira proteana e Craft Careers), de modo que, depois de ler cada uma, o participante deveria escolher aquela que mais se assemelha à sua carreira. Sobre esse tema, dois participantes escolheram o modelo de âncoras de carreira, modelo de carreira no qual o profissional marca as suas características, pelas quais se reconhece e se faz reconhecido; apenas um explicou que a situação baseada no modelo de carreira proteano era a que mais se aproximava de sua realidade, modelo no qual há flexibilidade em harmonizar os interesses próprios com os dos contratantes, marcado pelo auto direcionamento (Magalhães & Bendassolli, 2013).

Sobre as características que os profissionais acreditam que devem ter para o trabalho com a música, elas giraram em torno de três temas principais: consciência do trabalho/serviço que está prestando; profissionalização; criação de um MEI – Microempreendedor individual³. Para o Participante 07 a profissionalização foi entendida como algo que falta em muitos músicos da

sua cidade, que precisam “Ver a coisa toda como profissão mesmo, sabe. Porque não é porque você tá numa banda pequena ou numa banda grande que você é profissional, você é profissional a partir do momento em que você trabalha atuante, como um profissional”. A criação de um MEI foi considerada necessária para a negociação de valores a receber pelos trabalhos, apresentações e produções, porque “Você tem o talento, mas, até você descobrir, até você se colocar, é muito difícil” (Participante 08).

A respeito do MEI, Cerqueira (2018) explica que em meio à corrida de editais e patrocínios, o artista é compelido a comportar-se como empresário da sua própria carreira, um “trabalhador portfólio”, a custo de uma gestão de racionalidade dos seus capitais pessoais, como o seu tempo, o seu esforço, as suas competências e a sua reputação, fatores que configuram o artista “quase-firma”, sobretudo aquele tido como independente. Os participantes que trabalham desvinculados a instituições, que estejam se apresentando em *shows* ou não, precisam gerenciar sua agenda, as negociações com os contratantes, promover a sua identidade e seus

³Indivíduos que formalizaram suas atividades de trabalho e a realizam para si mesmos, podem receber o valor de até oitenta e um mil reais bruto por ano (BRASIL, 2016).

serviços divulgados nas redes sociais, realizar parcerias com profissionais que já estão no mercado, estudar, ensaiar, ou seja, um conjunto de tarefas que acaba por sobrecarregá-los. Apesar de não terem nomeado um tipo de carreira específico quando perguntados sobre esse tema, ou que não tenham mencionado estarem inscritos em cadastro de microempreendedores individuais, as características que levantam sobre suas carreiras se conectam ao que a autora explica sobre a modalidade empreendedora.

Sobre os significados do trabalho para os músicos

Todos os participantes mencionaram características que o contexto de atuação profissional deveria ter para que desempenhassem suas atividades de melhor forma, como a valorização social do trabalho na música, por exemplo, além da necessidade de representação da categoria por um sindicato. Informaram dificuldades para trabalharem devido ao contexto local não estar explorado em suas potencialidades. Nesse sentido, responderam que ele “Tem um potencial para cenas artísticas, um

potencial de produção inexplorado, né, algo que tem que ser explorado em algum momento da história. Não sei se daqui a cinquenta anos, daqui a trinta, se daqui a dez, mas isso, algum momento, vai ter que ser explorado aqui” (Participante 08); “Não é só *show*, músico não faz só *show*, ele ensaia, pega repertório, ele faz muita coisa! É muito trabalho pra pouca grana! (...) O que tem são esses mesmos espaços pra gente tocar, e teve os auxílios também, porque de resto mesmo é tudo coisa da galera (músicos locais), que a galera faz, sabe? Tem amor à arte e faz, porque é muito amor à arte, sabe? (...) Você vai ver se repetindo demais, eu falando sempre das dificuldades, mas (...) é porque aqui, realmente, é muito difícil!” (Participante 07).

Mesmo com os entraves que enfrentam, quando indagados sobre a importância que o trabalho tem em suas vidas, outro componente do Modelo dos Atributos do Significado do Trabalho (Borges & Tamayo, 2001), alguns destacaram que o trabalho significa tudo, com total importância. Os motivos para essa atribuição variaram entre o longo tempo em que já estão em contato com

música, “Cara, na minha vida, tudo, pô! Porque eu sempre mexi com música, sempre queria música” (Participante 02); entre a música ser considerada como vocação, “Cara, eu acho que hoje é tudo (...) É o seguinte, eu acredito muito na vocação, sabe (...) Então, essa é a parte da vocação, você usar sua profissão para beneficiar o próximo!” (Participante 03); a própria persistência destinada a se manter no trabalho foi a razão de outra participante, “Toda do mundo! (...) Eu não me vejo fazendo outra coisa não! (...) E, assim, eu ouvia muito, muito, muito ‘Esse negócio de dar aula, tocar em orquestra, não tem futuro!’, eu ouvia muito isso, mas eu nunca dei ouvido não. Eu sempre fui meio doidinha assim, de fazer as coisas que eu botava na cabeça pra fazer, entendeu. Eu nunca desisti!” (Participante 04).

Apesar da perspectiva confiante no trabalho e na carreira musical, no que ele significa para o trabalhador, o surgimento da pandemia do COVID-19, que se alastrou pelo Brasil ainda no primeiro trimestre de 2020, agravou a crise em que esses trabalhadores já estavam envolvidos, de instabilidade e de desamparo, para a qual a área da

cultura não estava preparada (Sandroni, Ferreira, Requião, Sandroni & Lima, 2021). Da “nova realidade” se teve como consequência a necessidade de se encontrar diferentes modos de viver em sociedade (Cuervo & Santiago, 2020), especialmente nos trabalhos em que se lida com o público, com aglomerações, como é o caso dos músicos.

Pandemia do COVID-19 intensificando a precariedade do trabalho na música

Vários fatores contribuem para o quadro problemático enfrentado pelos artistas, em especial os músicos: inseguranças e tensões presentes em seu cotidiano, como a competitividade, a ansiedade na hora de apresentações públicas, a insegurança com o mercado de trabalho, a desvalorização da profissão e a falta de incentivo governamental e, além disso, as mudanças econômicas recentes têm estreitado as possibilidades de trabalho na área cultural/artística (Louro, Louro & Duarte, 2020). Esse quadro de precariedades foi agravado com as consequências que a pandemia do COVID-19 impôs aos trabalhadores brasileiros, como a suspensão de

funcionamento ou o fechamento definitivo de locais de apresentações, o distanciamento social, a necessidade de mudanças na forma de trabalho para adequarem-se às tecnologias virtuais, e, quando as medidas de restrições foram “relaxadas” nos últimos meses do ano de 2020 e início de 2021, o número menor de contratações e a diminuição dos valores de cachês recebidos.

Além dos impasses que a categoria artística encontra no Brasil (Calabre, 2020) antes mesmo da pandemia chegar ao país, as políticas, os programas e as ações culturais já passavam por dificuldades. Diversos setores da economia e da saúde pública foram impactados e um dos setores mais atingidos foi o da cultura, que precisou cancelar, repentinamente, todas as suas atividades (Louro et. al., 2020).

Os participantes abordaram em seus discursos diversos aspectos do trabalho em relação ao momento atual de pandemia do COVID-19 e às precariedades vivenciadas. As suas respostas consideraram o contexto em que vivemos ao tocarmos nele mesmo em perguntas que não estavam direcionadas a esse tópico, o que não

foi surpreendente, visto as consequências econômicas, sociais, sanitárias e subjetivas no fazer do trabalho e no trabalhador.

As consequências financeiras experimentadas pelos participantes foram pontuadas com destaque. Em decorrência da impossibilidade de se apresentarem, houve a perda dos cachês pelos trabalhos, “Diminuiu drasticamente a folha de todo mundo, porque (...) uma banda que tocava R\$ 1.500,00 particular, ou R\$ 2.000,00, ela ficou sem o particular, porque ninguém podia fazer festa. A banda que tocava barzinho, o cachê foi pra R\$ 300,00 e quando voltou, né! Até porque teve um tempo que não tava tendo (apresentações!)” (Participante 03). Outros profissionais buscaram formas de trabalhar no ensino de música como uma saída para conseguirem dinheiro, “Tocar na noite parou totalmente, porém eu tive que me adaptar no campo do ensino” (Participante 06).

Ainda sobre o aspecto financeiro, outra consequência para os trabalhadores da música foi o empobrecimento. Afirmaram terem passado por “necessidade total”, bem como outros artistas colegas de

profissão. O Participante 8 explicou que “Muita gente passou fome, né. Eu tenho amigos que precisaram de cesta básica, teve gente que precisou mesmo, porque não conseguia auxílio (emergencial) e demorou muito os auxílios artísticos, e outros nem conseguiram auxílio artístico (...) Tem outros que perderam o emprego, convivo com vários que perderam o emprego. O emprego que eu falo é emprego paralelo ao emprego da música, porque você tem que ter, porque se não, você não existe, não sobrevive”. Calabre (2020) explica o quanto necessita de atenção a proposição e efetivação de medidas que reduzam os efeitos da pandemia sobre a classe trabalhadora em geral. Além disso, a área da cultura, complexa e diversa, não conseguiu ser incluída no grupo dos primeiros trabalhadores a receberem o auxílio emergencial de R\$ 600,00.

Além do cenário caótico, o trabalhador da música é compelido a buscar outro trabalho para conseguir alguma renda; precisam se dividir em diferentes locais de trabalho, ou em diversas funções, para conseguirem renda suficiente para sua sobrevivência (Louro et. al., 2020).

Ao final de 2020, várias cidades diminuíram as exigências sobre estabelecimentos que contratam músicos para se apresentarem, o que lhes possibilitou o retorno ao trabalho. Porém, esse retorno aconteceu mesmo com os profissionais discordando das aglomerações e com medo da pandemia. A esse respeito, os participantes responderam que os músicos estão assustados, mas, o trabalho, enquanto o único o meio de sustento que têm, fez com que chegassem aos locais tomando os cuidados para não se contagiarem com o coronavírus. Em uma fala de destaque, o Participante 08 pontuou que “Muita gente teve que trabalhar em bar, no meio da pandemia (...) não concordando com aglomeração, mas teve que ir, porque, se não, morria de fome, ou então não ganhava dinheiro”.

As mudanças na dinâmica de realização do trabalho foram as consequências da pandemia que também foram salientadas pelos participantes. O trabalho dos músicos instrumentistas e cantores foi adaptado às tecnologias de comunicação virtual, passaram a transmitir suas apresentações em redes sociais para o público que poderia contribuir com

doações em dinheiro ou com cestas básicas. Sobre isso, informaram que “Quando a pandemia chegou, ficou difícil porque a gente tava vivendo de *live* e a *live* tava fornecendo o que? Cesta básica e tal. Então, ficou muito difícil. Aí voltou alguns bares e tal, só que voltou com limite, tanto de músicos, quanto de pessoas (público). Era um violão e um cajón e não tem como tocar violão com cajón (...) Não tem como tocar forró” (Participante 02). A respeito da *live* como alternativa, Louro et. al. (2020) argumentam que a pandemia fez com que diversas iniciativas artísticas e culturais surgissem nas redes sociais não somente em *lives*, mas em canais de vídeos, em festivais musicais online, entre outros, a fim de amenizar os impactos do isolamento e do distanciamento social, em diversas partes do mundo. As *lives* se constituem como espaços de performance, e possibilitam articulação de antigas e novas redes de colaboração, divulgação e exposição, além de serem ferramentas de resistência dos músicos que se encontram para dialogarem e entenderem aspectos relevantes de suas comunidades (Nascimento, 2020).

Com relação às mudanças na dinâmica laboral dos participantes que trabalham como professores de música, como uma tentativa de contorno dos problemas impostos, houve a adaptação dos métodos de ensino para plataformas virtuais, de forma emergencial, adequando o que haviam planejado para o trabalho através de chamadas de vídeo (Barros, 2020). Ao ensinar e aprender música, na relação entre educador e aprendiz, se passou a enfrentar desafios do confinamento social e da desigualdade de acesso a recursos tecnológicos, entre outros, se ressaltando que, de modo geral, não houve iniciativas institucionais ou governamentais, nas esferas pública ou privada, para que fossem adquiridos equipamentos e pacotes de conexão com preços acessíveis para educadores e educandos (Cuervo & Santiago, 2020).

No processo de adequação às aulas remotas, destaca-se a necessidade de aquisição de equipamentos de captação de áudio e vídeo, além da necessidade que houve de desenvolvimento, em tempo recorde, de habilidades de edição de vídeos e áudios, postagens e engajamentos nas redes sociais,

causando ansiedade e estresse aos trabalhadores (Louro et. al., 2020). Sobre o ensino remoto emergencial, Barros (2020) entende que pela especificidade dos conteúdos, o ensino remoto emergencial de música torna-se ainda mais desafiador, haja vista a construção das plataformas de videoconferência utilizadas não ter contemplado a atividade e a *performance* musical, havendo problemas de latência, na fidelidade sonora e na sincronização. Ademais, os equipamentos com boa captação de áudio têm custo elevado, não sendo acessíveis para a maioria dos professores. Além disso, os recursos digitais, velozes em suas atualizações, exigem que o músico seja um contínuo estudante, porém não mais apenas da prática musical, mas, também, da prática digital (Cuervo & Santiago, 2020).

O Participante 7 começou a dar aulas de música virtualmente devido à pandemia impedi-lo de trabalhar presencialmente e respondeu “Eu inventei as aulas porque não tinha nenhuma forma de ganhar dinheiro com música, ficou tudo parado. Lugares pra ensaiar (...) aluguel, né, não teve como pagar. Então, não teve

gravação, não teve *show*, não teve nada! E tudo que tinha era pela *internet*, ou *live*, ou aula, ou qualquer coisa, tudo que tinha era pela *internet*. *Live* era uma coisa que não dava. A gente teve que fazer de tudo!”.

Louro et. al. (2020) explicam que somado à crescente tensão no mercado de trabalho do músico durante a pandemia, junto a todos os fatores estressores já comuns na rotina do trabalhador, com a flexibilização do isolamento social os músicos tiveram que se atentar para mais uma questão: o exercício do seu trabalho no que tange aos cuidados com a saúde e prevenção de contágio do vírus. Apenas um participante comentou a tomada de cuidados com a pandemia pelos estabelecimentos contratantes; por outro lado, a falta de cuidados com a pandemia pelos contratantes foi comentada por vários outros que retomaram as atividades no final do ano de 2020. As respostas jogaram luz ao que estava acontecendo, “Pra ser sincero aqui contigo, não tá tendo segurança não, pô! Até porque, uso de máscara não é obrigado (...) aquele medidor de temperatura nem todos os estabelecimentos têm (...) Então, eu creio que não existe mais isso não,

medida de segurança!” (Participante 02).

O retorno ao trabalho ofereceu perigo de contágio, considerando que, dificilmente, músicos atuam em locais sem aglomeração, de público ou de outros trabalhadores. Diversos protocolos de segurança são necessários, principalmente para músicos que atuam com canto e instrumentos de sopro, vez que as vias aéreas desprotegidas são as principais formas de contágio do vírus. Trata-se de uma realidade altamente estressante, de vulnerabilidade e instabilidade emocional (Louro et. al., 2020). É relevante o entendimento de que os trabalhadores em atividade durante a pandemia, portanto sem garantia ao direito à saúde, visto que esse direito abrange a possibilidade de adoção do distanciamento social, deveriam constar nas prioridades de atenção no controle da disseminação da doença e na proteção da vida (Santos, Fernandes, Almeida, Miranda, Mise & Lima, 2020).

A situação da pandemia continuou e acarretou consequências trágicas para os trabalhadores. A necessidade de “se reinventar”, de se ter autonomia, imediatista e enfatizada

em diversos discursos, não cabe no mesmo espaço de tempo de ser reflexivo, crítico e solidário (Cuervo & Santiago, 2020). Ainda, o contexto pandêmico demonstra que direciona o trabalho para um processo de esgotamento emocional, pela dificuldade de equilíbrio entre trabalho e família, sobretudo para as mulheres, ou pelo medo de contágio para quem trabalha de modo presencial (Modesto, Souza & Rodrigues, 2020).

O trabalho requer centralidade dentro das análises estratégicas de controle da COVID-19 e na retomada do desenvolvimento econômico no período que suceder a pandemia, havendo, ou não, a viabilização da manutenção do distanciamento social nos diferentes contextos sociais e de condições dignas de sobrevivência (Santos et al., 2020). Sandroni et al. (2021) indicam a necessidade de políticas públicas que assegurem empregos e o desenvolvimento de arranjos culturais locais e regionais de artistas independentes, bem como outras formas de manifestação artística, para garantir a diversidade cultural.

Considerações finais

Com a realização da pesquisa foi possível compreender que manter-se como trabalhador autônomo faz, em sua maioria, parte da realidade do músico enquanto profissional, sendo a realidade do grupo no contexto estudado. O referido cenário, portanto, justifica que, nesse estudo, a possibilidade de discutir os modelos de carreira, a partir da realidade organizacional, foi trazida por parte dos participantes, mas não por todos, e, mesmo estes, têm a autonomia como tônica central na condução de suas carreiras e na perspectiva em relação ao significado do trabalho.

A percepção que os participantes relatam sobre como significam seus trabalhos no campo da música demonstra a persistência na carreira e a superação das dificuldades que lhes são impostas: falta-lhes o apoio social por parte de diversas esferas e com tudo isto lhes sobram desvalorização,

cachês com valores baixos, estereótipos dos músicos como não-trabalhadores, sobrecarga de tarefas para conseguir se manter no mercado de trabalho, falta de organização da categoria profissional em prol da sua proteção e melhores condições de trabalho. Ainda que todos esses fatores estejam presentes no cotidiano, em maior ou menor intensidade, atribuem importância ao trabalho, o avaliando como motivador, vital para a existência, mesmo havendo conflitos sobre continuar ou não a carreira musical.

Agradecimentos

Essa pesquisa contou com apoio da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr) por meio de concessão de bolsa de pesquisa de pós-graduação *stricto sensu*.

Referências

Adenot, P. (2010). A questão da vocação na representação social dos músicos. *PROA Revista de Antropologia e Arte*,(2).
<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/article/view/2373>

Alves, V. A. & Martins, M. D. F. A. (2019). O músico e seu trabalho na nova ordem musical da cidade de Belo Horizonte. *Trabalho & Educação-ISSN 1516-9537/e-ISSN 2238-037X*, 28(2), 113-130.<https://doi.org/10.35699/2238-037X.2019.9572>

Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

Barros, M. H. F. (2020). Educação musical, tecnologias e pandemia. *OuvirOUver*, 16(1), 292-304.<https://doi.org/10.14393/OUV-v16n1a2020-55878>

Barros, S. C., Álvaro, J. L. & Borges, L. D. O. (2018). Significados do trabalho e do dinheiro: quais suas funções sociais?. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 18(1), 282-290.<http://dx.doi.org/10.17652/rpot/2018.1.13395>

Bartz, G. F. & Oliven, R. G. (2019). Como o trabalho flexível afeta os músicos eruditos? O caso da orquestra de câmara teatro São Pedro de Porto Alegre. *Sociologia & Antropologia*, 9(1). <https://doi.org/10.1590/2238-38752019v9i16>

Bendassolli, P. F. (2009). *Psicologia e Trabalho: apropriações e significados*. Cengage Learning.

Borges, L. D. O. & Alves Filho, A. (2001). A mensuração da motivação e do significado do trabalho. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 6(2), 177-194. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2001000200006>

Borges, L. D. O. & Alves Filho, A. (2003). A estrutura fatorial do Inventário do Significado e Motivação do Trabalho, IMST. *Avaliação Psicológica*, 2(2), 123-145. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v2n2/v2n2a04.pdf>

Borges, L. O. & Tamayo, Á. (2001). A estrutura cognitiva do significado do trabalho. *Revista Psicologia: organizações e trabalho*, 1(2), 11-44. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v1n2/v1n2a02.pdf>

Brasil. (2016). Lei Complementar n. 155. Acesso em 30 de jun de 2021, disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp155.htm

Calabre, L. (2020). A arte e a cultura em tempos de pandemia. *Revista Extraprensa*, 13(2), 7-21. <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/170903/162152>

Cerqueira, A. C. (2018). Viver de música: empreendedorismo cultural e precarização do trabalho. *Cadernos de Estudos Sociais*, 33(1), 85-107. <https://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/1677/pdf>

Cuervo, L. & Santiago, P. R. B. (2020). Percepções do impacto da pandemia no meio acadêmico da música: um ensaio aberto sobre temporalidades e musicalidades. *Revista Música*, 20(2), 357-378. <https://doi.org/10.11606/rm.v20i2.180068>

Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar em revista*, (24), 213-225. <https://www.scielo.br/j/er/a/QPr8CLhy4XhdJsChj7YW7jh/?format=pdf&lang=pt>

Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. Atlas;

Gondim, S. & Borges, L. D. O. (2020). Significados e sentidos do trabalho do home-office: desafios para a regulação emocional. *SBPOT, Temática*, 5. http://emotrab.ufba.br/wp-content/uploads/2020/05/SBPOT_TEMATICA_5_Gondim_Borges.pdf

Graebin, R. E., Matte, J., Larentis, F., Motta, M. E. V. & Olea, P. M. (2019). O significado do trabalho para jovens aprendizes. *Revista Gestão Organizacional*, 12(1).

Lhuillier, D. (2014). Introdução à psicossociologia do trabalho. *Cadernos de psicologia Social do Trabalho*, 17(spe1), 5-19. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v17ispe1p5-19>

Louro, F. S., Louro, V. & Duarte, P. G. (2020). O estresse gerado pela pandemia como risco para adoecimento mental e físico do músico a partir das neurociências cognitivas. *Revista Música*, 20(2), 379-396. <https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/download/178817/167000/459538>

Menger, P. M. (2005). *Retrato do artista enquanto trabalhador: metamorfoses do capitalismo*. Roma Editora.

Nascimento, B. R. (2020). Música em isolamento social: colaborações e reflexões em lives como espaço de performance e crítica musical. *Música Popular em Revista*, 7, e020017-e020017. <https://doi.org/10.20396/muspop.v7i00.14282>

Pinheiro, R. A., Bendassolli, P. F. & Borges, L. O. (2017). Inventário do significado do trabalho: explorando evidências de validade no setor de edificações. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 17(1), 46-64. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v17n1/n17a04.pdf>

Requião, L. (2008). “Eis aí a Lapa”: *Processos e relações de trabalho do músico nas casas de shows da lapa*. (Tese de doutorado, Universidade Federal Fluminense). Domínio público. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp072227.pdf>

Ribeiro, J., Souza, F. N. & Lobão, C. (2018). Saturação da análise na investigação qualitativa: quando parar de recolher dados?. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 6(10), iii-vii. <https://doi.org/10.33361/RPQ.v.6.n.10>

Sandroni, C., Ferreira, D. M., Requião, L. P. S., Sandroni, C. & Lima, M. G. (2021). A Covid-19 e seus efeitos na renda dos músicos brasileiros. *Revista Vórtex*, 9(1). <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/vortex/article/view/4175>

Schweitzer, L., Gonçalves, J., Tolfo, S. R. & Silva, N. (2016). Bases epistemológicas sobre sentido(s) e significado(s) do trabalho em estudos nacionais. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 16(1), 103-116. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v16n1/v16n1a09.pdf>

Tolfo, S. D. R. & Piccinini, V. C. (2007). Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia & sociedade. São Paulo. Vol. 19, ed. esp. 1 (2007), p. 38-46*. <https://www.scielo.br/j/psoc/a/GnLRwtX3KcddXXjnJ8LgRWy/abstract/?lang=pt>

Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203-220. <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>

Fecha Recepción: 03-11-2021

Fecha Aceptación: 07-05-2022